

BRUNO HORTA



**SEGUIMOS AGORA
EM DIRECTO PARA
OS FABULOSOS
ANOS 90**



1990

Citações	14
A cassete de Tomás Taveira	18
As dietas do dr. Tallon	21
Revolta nos comboios da Linha de Sintra (art.)	22
Deixar a droga (art.)	24
Lisboa é <<estaleiro gigante com especulação imobiliária desenfreada (art.)	25
Louçã vs. Le Pen	28
Mário Soares e Paulo Portas enfrentam-se na TSF	30
O Fax de Macau (e um Soares desconhecido)	32
Pedofilia a céu aberto (art.)	36
Elevadores paralíticos e hambúrgueres infectados	38
Cronologia	40

1991

Citações	48
Massacre de Santa Cruz	52
Minho: tratar os pais por você (art.)	54
<i>O Império dos Sentidos</i> :	55
«Aprendi mais em 10 minutos de filme do que em toda a minha vida»	
La Féria no Rossio	58
Cronologia	62

1992

Citações	68
A nova mensagem de Manuel Monteiro	72
A queda de Pedro Caldeira	74
As cavernas do Funchal (art.)	76
Comportamento impróprio para mulheres (art.)	77
Gangue do Multibanco	78
Dois terços dos rapazes começam a ganhar a vida antes dos 18 (art.)	79
«Era Outubro,despertei» — a SIC	80
Chocar e ganhar	87
Fúria contra a PGA (art.)	88
Sinatra nas Antas	90
Tragédia no aeroporto de Faro (art.)	91
Cronologia	92

1993

Citações	100
30 mil com telemóvel (art.)	104
Acabou-se o <i>Peep-Show</i> (art.)	104
A febre dos dinossauros	106
A generala	104
Alumínio na hemodiálise em Évora	108
A segunda banqueira do povo	109
«É o Aquaparque da morte»	110
Novos heróis nacionais: Super Mario e Sonic (art.)	112
O caso da vírgula	113
Inauguração do CCB	113
Herman José aos tiros	116
Pacheco Pereira e a liberdade de imprensa	118
PoSat-1. Portugal entra em órbita	119
Cronologia	120

1994

Citações	126
Bloqueio da ponte sobre o Tejo	128
Caso Vuvu	132
A «geração rasca»	133
As gravuras de Foz Côa	137
Microfone no gabinete de Cunha Rodrigues	138
O que é a Internet e quanto custa? (art.)	139
Rapública	140
Wonderbra	141
Cronologia	142

1995

Citações	150
Emanuel inventou o pimba	152
Big Show SIC: «Vá lá fazer chichi e beber um cafezinho»	154
Cavaco e o porteiro do hospital de Faro (art.)	156
Soares Martínez: «Sou demasiado insignificante para merecer tanto»	157
A Guerra da Palmeta	158
Legislativas em cima de uma moto	159
Manifesto Anti-Portas	160
«O Bicho»	161
Ovnis e o «charuto encabaçado»	162

A autópsia do ET de Roswell	163
Sampaio votou em Oteló	164
Sulistas, elitistas e liberais	165
Cronologia	166

1996

Citações	174
Adeus, Cobras e Lagartos	178
Contra-Informação	180
FP-25: quais terroristas?	180
Telletxea Maya, o alegado etarra	182
O mais polémico pseudónimo da imprensa portuguesa	183
Zero no Totobola	184
Cronologia	186

1997

Citações	192
Electrocutado no semáforo (art.)	198
Nuno Luz e os «sacos de água»	199
Cronologia	200

1998

Citações	208
Touros de Morte em Barrancos	210
Fez-se Lux	212
Furor Expo	214
Feijoada na Ponte Vasco da Gama	218
Rosa Casaco em Lisboa	219
Suicídios em Sabóia (art.)	220
A doença que os jornais não querem noticiar	221
Cronologia	222

1999

Citações	230
Adeus, Amália	234
Alfredo Pequito, o homem que sabia de mais	235
O Caso Moderna e o Jaguar de Paulo Portas	237

O caso João Mouta	241
O fim do Alcântara-Mar (art.)	242
«Claro que Salazar era antifascista»	243
Souselas: ninguém quer as dioxinas	246
Violência Doméstica (art.)	247
Vem aí o fim do mundo	248
Cronologia	250

Secção de homicídios	258
-----------------------------	-----

Canções portuguesas	271
----------------------------	-----

Canções estrangeiras	276
-----------------------------	-----

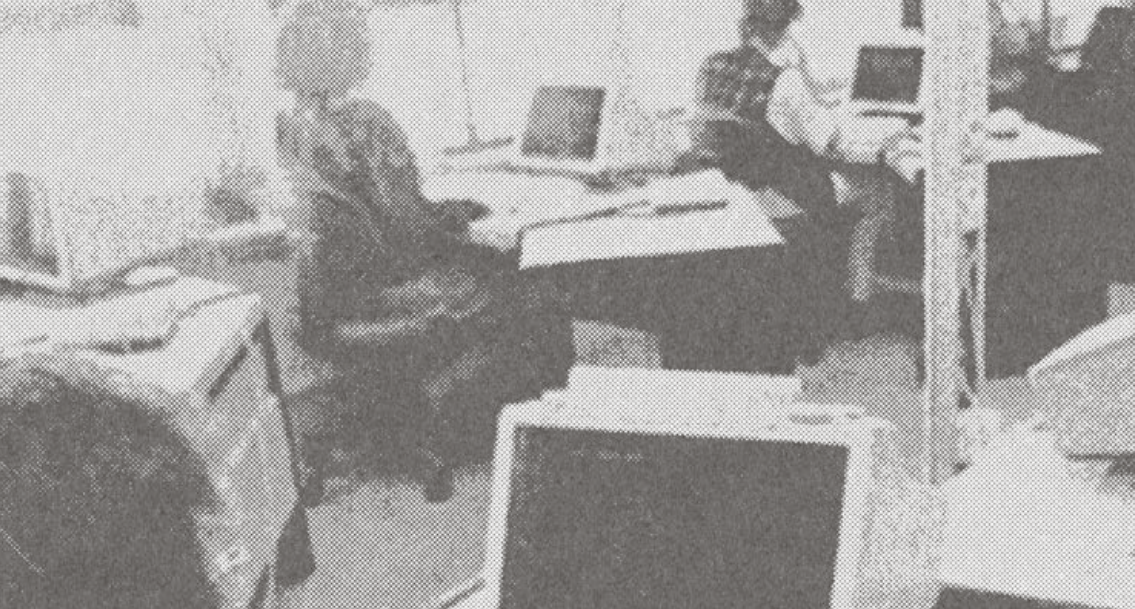
Filmes portugueses	286
---------------------------	-----

Filmes estrangeiras	286
----------------------------	-----

Livros	289
---------------	-----

Tendências sociais e culturais	292
---------------------------------------	-----

Fontes	340
---------------	-----



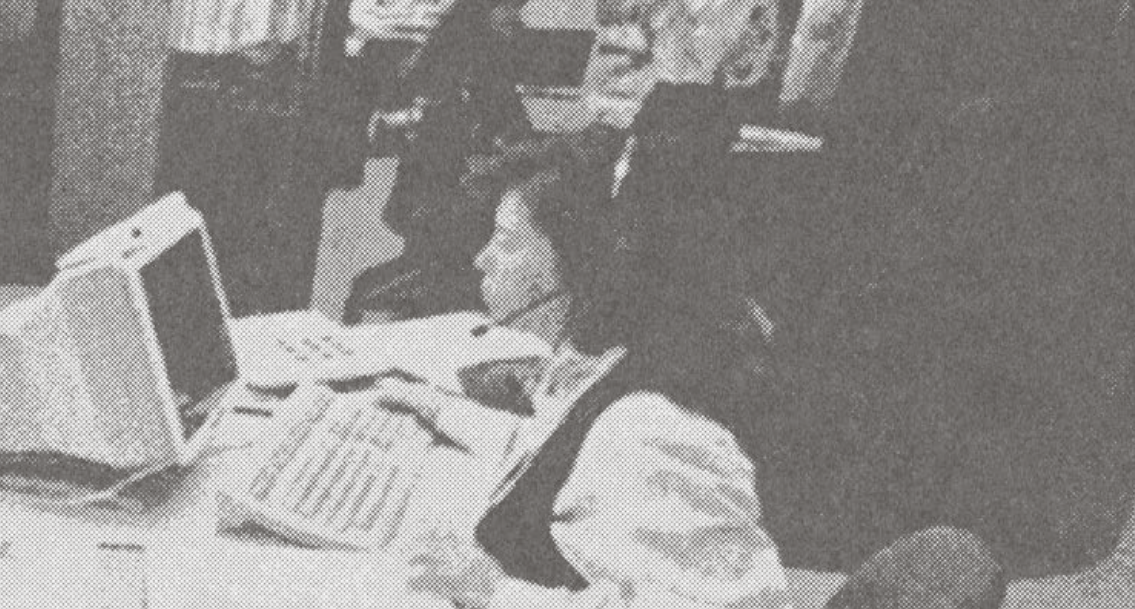
No século XXI, vamos ser todos loucos *

Diz a matemática que as décadas começam nos anos um, enquanto a contagem histórica e cultural opta quase sempre pelos anos zero. Mas há quem escolha uma terceira via e balance as décadas em torno de acontecimentos fundadores que nem sequer coincidem com aquelas duas contagens. Daí dizer-se que os anos 90 começaram logo em 9 de Novembro de 1989 com a Queda do Muro de Berlim e só terminaram em 11 de Setembro de 2001 com o ataque às Torres Gémeas.

Seguindo este ponto de vista também podemos encontrar âncoras para os anos 90 portugueses. Propomos que o início seja a manchete do *Tal & Qual* «Cassete porno excita Lisboa», em 22 de Setembro de 1989. As notícias do escândalo sexual do arquitecto Tomás Taveira alcançam ressonância pública e política e anunciam duas mudanças fundamentais na sociedade portuguesa. Graças à tecnologia — neste caso câmaras de vídeo que registam as imagens do escândalo — a privacidade está cada vez mais pública. E graças à imprensa os escândalos com figuras públicas vão sendo cada vez mais frequentes.

Quanto ao termo dos nossos 90, pode muito bem situar-se na Expo'98, o mais festivo e consensual facto do período, que encheu o país de orgulho e nos abriu as portas do novo milénio.

De caminho não se pode esquecer o nascimento da televisão privada, com o arranque da SIC em Outubro de 92, que vem confirmar as mudanças anunciadas pelo Caso Taveira e determina em grande medida o efeito social de outro marco do decénio: o bloqueio da



* adaptação da frase «*In the new century, I think we will all be insane*», da personagem Homeless Woman na peça de teatro *Angels in America: A Gay Fantasia on National Themes* (1991), de Tony Kushner

Ponte 25 de Abril em Junho de 1994. Por fim, a morte de Amália Rodrigues em Outubro de 1999 conclui simbolicamente não a década, mas o século português.

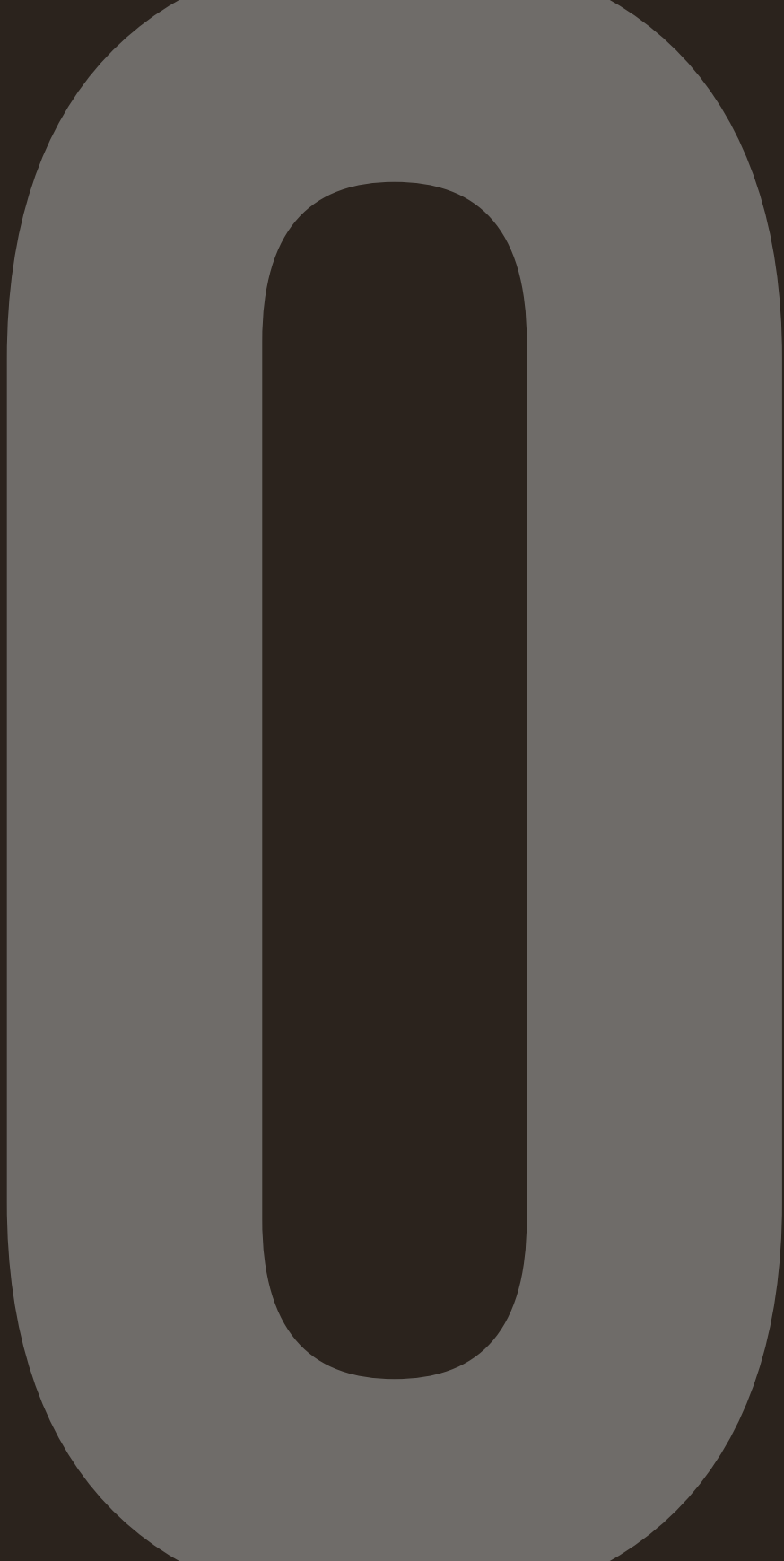
Tudo o resto que se passa são factos mais ou menos secundários, em muitos casos perdidos na bruma do tempo, e por isso mesmo relevantes. As pequenas histórias que nos fazem compreender a vida coletiva de 90 não estão na Internet, nem se encontram facilmente acessíveis. São como peças arqueológicas que precisam de ser desenterradas — e é isso que se procura nestas páginas.

Revisitar aquele tempo à distância de uma geração é fazer a crónica de um tempo espantoso que mudou Portugal e nos afastou do mundo velho do século xx, a caminho do novo ciclo da saturação tecnológica.

Claro que não se pode caracterizar aqueles anos como se fossem uniformes — 1990 e 1999 são o dia ao pé da noite. Há porém traços comuns. Éramos nos 90 um país mais pobre, mais hierarquizado, mais permissivo e menos esclarecido do que hoje. Evoluímos. Os ventos e o dinheiro da Europa não nos enriqueceram mas tiraram-nos de uma mentalidade estacionada. A explosão da internet tornou a sociedade mais horizontal e escancarou-a.

Ao mesmo tempo perdemos proximidade, liberdade e simplicidade, tudo marcas portuguesas que a uniformização global desgasta, entregando-nos hoje ao culto de verdades oficiais, guerras ideológicas, ilusões absolutas.

9



«Considero profundamente lamentável que a renovação do PCP comece com a expulsão de renovadores. É grave. Revela uma grande insegurança por parte da direcção, um grande receio do futuro, um medo do que se está a passar no resto do mundo.»

Zita Seabra,
3 de Janeiro de 1990, RTP

«É extremamente apressado declarar o fim do socialismo. O que está em causa acima de tudo são os erros, as deformações e até os perigos que aconteceram durante o processo extremamente delicado da construção do socialismo, não propriamente o socialismo.»

Luís Sá (1952-1999),
12 de Janeiro de 1990, Diário de Lisboa

«O primeiro-ministro, no mês passado, recebeu 313 contos [4300 euros], a que se juntam 153 contos [2100 euros] de despesas de representação. Decidi que a partir de agora qualquer meio de comunicação social possa escrever para o meu gabinete e pedir todos os meses a cópia do recibo do meu vencimento. Desafio os dirigentes dos outros partidos a que todos os meses forneçam o recibo.»

Cavaco Silva,
16 de Janeiro de 1990, RTP

«Mal dos políticos que não entendem, ou não querem admitir, que no final deste século a comunicação social é um campo obrigatório de batalha política.»

Alberto João Jardim,
23 de Janeiro de 1990, O Diabo

«Em quase todos os domínios em que há um avanço tecnológico, são sempre as mulheres a sofrer as consequências, a ser marginalizadas e tratadas como objecto. Ora, também na fecundação [*in vitro*], e em particular no que se chama hoje mães emprestadas, há um total desrespeito pelo processo que se passa dentro da mulher. A mulher não é uma fábrica de produzir crianças.»

Maria de Lourdes Pintasilgo (1930-2004),
25 de Janeiro de 1990, Diário de Lisboa

«Quem tem dinheiro não fica em casa. A casa (a televisão) é a solução dos pobres e dos doentes. Porque nenhum espectáculo é tão rico como a vida.»

Mário Castrim (1920-2002),
26 de Janeiro de 1990, Diário de Lisboa

«No próximo congresso do PSD vou propor que o partido não apresente qualquer candidato às eleições presidenciais do próximo ano, caso o dr. Mário Soares se recandidate. É inegável que o povo português maioritariamente apoia a forma como o dr. Mário Soares tem exercido a sua presidência.»

Cavaco Silva,
3 de Fevereiro de 1990, Expresso

«Sabe-se que está em curso a mais monstruosa campanha recheada de deformações e mentiras contra o PCP.»

Álvaro Cunhal (1913-2005),
22 de Fevereiro de 1990, Avante!

«Neste mundo de vertiginosas mudanças, sociólogos do futuro avançam vaticínios baseados na leitura de sinais que indicam que no ano 2000 o poder transitará para a liderança feminina. Salvo seja! Que esfafadela! Por mim, podem os homens ficar nos Governos a gerir coisas cada vez menos interessantes, mas de que eles gostam muito, como a economia e a política que a serve.»

Natália Correia (1923-1993),
22 de Março de 1990, Assembleia da República

«O povo português é uma das mais extraordinárias culturas vivas que se tem visto no mundo. O grande defeito dos intelectuais portugueses tem sido sempre o de só lidarem com intelectuais, quase todos. Vão para o povo, vejam o povo, vejam como ele reflecte e como ele entende a vida.»

Agostinho da Silva (1906-1994),
17 de Maio de 1990, RTP

«Há duas coisas distintas. O culpado de uma política e o culpado de uma conduta corrupta. Salazar nunca foi acusado de corrupção. No que respeita à acusação política, é justificada. Muitas vezes atira-se para os dirigentes anteriores acusações de corrupção que podem ser muitas vezes infundadas. Isso é incorrecto e condenável.»

Álvaro Cunhal,
18 de Maio de 1990, O Independente

«Se me entra um senhor qualquer e diz “quero oferecer cinco mil contos [14 mil euros] ao PS”, eu digo “faz favor”. Mas se me vêm dizer “tome lá isto, para depois decidir desta maneira”, levam um ensaio de porrada.»

Jorge Sampaio (1939-2021),
22 de Maio de 1990, Diário de Lisboa

«Cada um de nós deve transformar-se num MacGyver perante os adversários políticos.»

Durão Barroso,
15 de Junho de 1990, O Jornal

«As coisas só são pecado quando não são verdadeiras. Só são pecado quando prejudicam os outros. Quando contribuem para o desequilíbrio da vida.
Nesse sentido, existe pecado.»

Lagoa Henriques (1923-2009),
7 de Setembro de 1990, O Jornal Ilustrado

«Sou essencialmente uma actriz-mulher. E sempre, nos meus espectáculos, a mulher sai a ganhar. Isso para mim é importante porque tenho mais respeito pelas mulheres do que pelos homens. Não sou homossexual, gosto imenso de homens. Adoro-os! Imenso!»

**Graça Lobo (1939-2024),
4 de Outubro de 1990, *Diário de Lisboa***

«Santana Lopes quis afastar-me do Teatro Nacional para que a Secretaria de Estado da Cultura estivesse livre para fazer desta casa o seu salão de festas.»

**Ricardo Pais,
10 de Novembro de 1990, *Expresso***

«O comunismo falhou na sua realização prática, mas o seu ponto de partida — a aspiração de igualdade entre os homens — continua a ser legítimo.»

**Mário Soares (1924-2017),
1 de Dezembro de 1990, *Expresso***

«O dr. Basílio Horta é o único candidato que diz realmente o que pensa e não tem vergonha na cara de ser o que é, o que, concorde-se ou não com ele, me parece uma virtude notável numa terra de dissimulação e mentira.»

**António Lobo Antunes (1942-2026),
8 de Dezembro de 1990, *Expresso***

«Durmo quatro horas por noite e nunca tomei café.»

**Marcelo Rebelo de Sousa,
15 de Dezembro de 1990, *Expresso***

A cassette de Tomás Taveira

A melindrosa história dos vídeos pornográficos do arquitecto Tomás Taveira há-de ser contada e recontada mil vezes pelos anos fora, quase sempre em tom picante, mas talvez não passe de uma tragédia para o próprio e para as mulheres que ele filmava às escondidas no seu escritório em Lisboa.

O assunto começa a ganhar balanço nos últimos meses de 1989, tem Taveira 50 anos e créditos firmados como arquitecto e professor universitário. É amado e odiado pelo desenho das Torres das Amoreiras — autoria que há-de ser refutada pela Justiça portuguesa muitos anos depois. É também empresário das *boîtes* Bananas e Twin's. E daqui para a frente será personagem inolvidável no imaginário colectivo.

Taveira filma com câmara oculta jovens estudantes e mulheres feitas que leva ao seu escritório em Lisboa para sexo oral e anal. É de crer que haja coacção em alguns actos. As gravações são-lhe roubadas ou copiadas, alegadamente por um indivíduo ligado ao Partido Socialista que seria senhorio do escritório de Taveira. Também se diz que é o policromático Taveira quem faz circular uma cassette — ou várias — junto de amigos, para se jactar, acabando por perder o paradeiro de tais registos.

O resultado é conhecido. Alguns jornais são assediados para comprar uma cassette com aquele conteúdo pornográfico. O *Semanário* não aceita. O *Tal e Qual* vai em frente: «Cassete porno excita Lisboa» é a manchete de 22 de Setembro de 1989. O jornal não reproduz imagens, não escreve nomes, mas pega na notícia: «Um vídeo com as experiências sexuais de um famoso personagem da alta-roda lisboeta está a despertar a cobiça de meia cidade. Gravado por uma câmara escondida no seu escritório, o filme fugiu-lhe das mãos e anda por aí. Todos querem tê-lo, mas é caro: o vendedor pede 20 mil contos» (quase 300 mil euros).

Dias depois, a revista *Semana Ilustrada* põe a boca no trombone: fotos, nomes, tudo. Dirigida por Rui Neves e acabada de lançar no mercado, aceita publicar «as loucuras sexuais de Tomás Taveira» na edição de 2 de Outubro. Há grande pressão para impedir a revista de sair, mas sem resultado. As fotos explícitas surgem na capa e nas páginas interiores, acompanhadas de um texto que toma partido pelas mulheres filmadas. Fala-se em «violação, invasão de privacidade e aliciamento».

A *Semana Ilustrada* pretende voltar à carga na semana seguinte, mas Taveira consegue que um tribunal mande apreender a edição já impressa antes que chegue às bancas. Junto da Justiça o visado obtém outra vitória: vários jornais são proibidos por largos meses de falar do caso e até de se referir ao arquitecto directa ou indirectamente. Por esta altura, estreia-se em Portugal o famoso filme *Sexo, Mentiras e Vídeo*, de Steven Soderbergh.

Como cá houvesse censura em nome da protecção da vida íntima, em 10 de Novembro de 1989 a revista erótica espanhola *Interviú* publica fotogramas da cassette e acrescenta que entre as mulheres filmadas à socapa contam-se mulheres de governantes portugueses: «El vídeo porno del arquitecto Taveira con las esposas de altos cargos».

No mesmo dia, o *fait-divers* ganha foros de caso político. O primeiro-ministro, Cavaco Silva, aparece na televisão para ler um bizarro comunicado, que o Diário de Notícias vai noticiar sem fazer relação com o caso Taveira. Cavaco diz que «nos últimos tempos têm vindo a público, em alguns jornais ou revistas, notícias falsas e caluniosas dirigidas a membros do Governo ou mesmo familiares seus», nomeadamente sobre a «vida pessoal e até familiar», as quais «só têm um objectivo: lançar a dúvida na opinião pública, denegrir o bom nome das pessoas visadas, perturbá-las no seu trabalho e, em última instância, fazer com que desistam».

É o próprio Cavaco quem descreve o assunto como «uma verdadeira questão de Estado». Com o toque de paranóia que caracteriza a sua visão da vida política, diz que «algumas pessoas, alguns obscuros interesses económicos e alguns meios de comunicação social têm vindo propositadamente a preparar, a alimentar e a dar eco a tais falsidades e calúnias», e «já chegaram ao ponto de estender os seus tentáculos a órgãos de comunicação social fora do país». No fim afirma: «O primeiro-ministro de Portugal tem o indeclinável dever de fazer um apelo firme à consciência mais viva e profunda da nação portuguesa. Não podemos permitir que alguns, pouco sérios e sem escrúpulos, destruam o nosso património de valores éticos e morais e ponham em causa o futuro do país.»

Em breve começam a circular cópias da «porno-cassete», como se diz. Tremenda exaltação numa época sem o acesso livre à pornografia que a Internet vai um dia proporcionar. Uma sondagem da Euroteste para o *Diário de Lisboa* mostra em 9 de Janeiro de 1990 que 87,1% dos inquiridos estão a par do escândalo.

Taveira processa André Neves, que antes de abrir a *Semana Ilustrada* foi responsável pelos jornais e revistas *Sexus*, *Tabu* e *Jornal do Amor*. O falado arquitecto alega em tribunal que em consequência do escândalo o seu filho deixou de frequentar o Liceu Maria Amália, porque os colegas lhe contavam anedotas sobre o pai, e estará prestes a deixar o colégio Valsassina pelos mesmos motivos. Alega que a filha rompeu o noivado. Que a mulher, Amarflis Taveira, não suspeitava que ele tivesse vida extraconjugal e de tão abalada já deixou de aparecer no local de trabalho. Alega que perdeu encomendas como arquitecto. Que deixou de poder ter vida social. Ao mesmo tempo, está implicado em alegados crimes de «abuso de confiança e infracção fiscal» num processo de facturas falsas.

Em 19 de Junho de 1990, um colectivo do Tribunal da Boa-Hora, presidido por Margarida Belo Redondo, condena o director da *Semana Ilustrada* a 900 contos (12 300 euros) de multa, ou 200 dias de prisão, por abuso de liberdade de imprensa, e ao pagamento de 20 mil contos (275 mil euros) a Taveira por devassa da vida privada e violação do direito à imagem. Não sem antes o tribunal, os advogados e o arguido terem feito o devido visionamento das gravações pornográficas de Taveira, não no próprio tribunal, que não tem videogravador, mas no Centro de Estudos Judiciários.

No ano seguinte, em 29 de Maio de 1991, Taveira — filho de um agulheiro da Carris e de uma doméstica, serralheiro mecânico antes de conseguir uma bolsa de estudo para entrar em Arquitectura — declara num programa do seu amigo Joaquim Letria na RTP que tudo se resumiu a uma perseguição por ser dono de uma personalidade assertiva e prover de uma família pobre: «Ao nível da emoção, um artista com um certo protagonismo, com uma certa carga polémica, até porventura uma presença *anti-establishment*, acaba por ser particularmente violentado.» A mulher pede o divórcio e corta relações com ele.

As dietas do dr. Tallon

Veste Boss e Armani e usa canetas Dupont. Tem vários Rolex e anda de Mercedes. Na garagem lá de casa guarda um Ferrari Testarossa e uma Kawasaki 1100. Em 1992 é assim que *O Jornal Ilustrado* descreve o médico espanhol José Maria Tallon, de 33 anos, filho de uma farmacêutica e de um industrial e político de Granada, chegado a Portugal em 1986 para estagiar no Hospital de Santa Maria.

É o médico do emagrecimento. Receita comprimidos milagrosos que devolvem o peso ideal a milhares e milhares de portugueses. Mas a controvérsia persegue-o.

O consultório de Tallon localiza-se na Rua de Santa Marta, em Lisboa, e ferve de clientela. Ele até vai abrir um novo espaço no Campo Grande para dar vazão a tanto gordo. Atende também no Porto, em Aveiro, Coimbra e São Miguel. E gere mais duas clínicas em Granada. Ajudam-no 12 assistentes, todos espanhóis.

Diz-se que o ministro Ferreira do Amaral toma os comprimidos de Tallon. Há gente de toda a extração, adolescentes e avozinhas, mais mulheres que homens. E todos lhe gabam o método. A primeira consulta são seis contos (63 euros) e as seguintes acontecem de 50 em 50 dias por quatro notas de mil escudos (42 euros). Os comprimidos aviados pouco ultrapassam os sete contos (73 euros). Incluem pó de casca sagrada, pó de fumária, pó de hipófise, bumetanida, clordiazepóxido, diazepam, fenproporex.

Mas uma nuvem funesta vem pairando sobre tão bem-sucedida personagem. Logo à chegada a Lisboa, em 1986, Tallon foi afastado de Santa Maria porque em paralelo já dava consultas de emagrecimento sem ter formação na área. Mesmo sem queixas formais de doentes, em Setembro de 1989 começou a ser investigado pela Ordem dos Médicos — que se lhe refere com certa hostilidade nas páginas dos jornais. Depois o Ministério da Saúde manda fiscalizar os laboratórios onde supostamente são manipuladas as substâncias dos seus comprimidos.

«A polémica assenta sobretudo no facto de Tallon não ser especialista em endocrinologia, de não humanizar o tratamento e de receitar pílulas com hormonas e substâncias que, segundo alguns médicos, podem provocar desarranjos completos e causar mesmo efeitos secundários graves», escreve o *Tal&Qual* em 11 de Maio de 1990. «Hipertireoidismo, problemas cardíacos e perturbações psíquicas», por exemplo — o que é desmentido pelo clínico espanhol.

A vida pessoal do médico começa a ser questionada na imprensa: que se divorciou da mãe dos seus dois filhos, que bate na actual namorada e quis obrigá-la a abortar. Ele considera-se vítima de invejas por ser novo, estrangeiro e ter bom êxito. «A minha maior ambição é que me deixem trabalhar. Gostaria que a Ordem dos Médicos se decidisse a reconhecer o meu trabalho. Nada do que faço é reprovável.»

Pois em Janeiro de 93 a Ordem dos Médicos conclui que «a prática que ele tem vindo a exercer não é cientificamente adequada», anuncia o bastonário, Santana Maia (1936-2012). Não se sabe se é penalizado, sabe-se que prosseguirá o seu trabalho pelos anos fora.

REVOLTA NOS COMBOIOS DA LINHA DE SINTRA

Populares do Cacém e Queluz bloquearam durante a manhã, nesta última estação, a linha de Sintra. Os incidentes provocaram a intervenção da PSP de Queluz, que ao fim da manhã deteve quatro jovens manifestantes, por alegada desobediência às autoridades.

Cansados de viajarem pendurados nos comboios, por vezes agarrados às portas, que nunca se fecham, e desde há dias privados de várias composições, juntaram-se pouco antes das oito horas de hoje e cortaram a linha nos dois sentidos.

Perante apupos e assobios, as autoridades algemaram os quatro jovens detidos, que foram transportados para a esquadra de Queluz. Carlos Manuel da Silva Rodrigues, um dos detidos, disse ao DL que <<estava apenas a manifestar-me com os meus colegas>>.

Os manifestantes exigiam a presença de um representante credenciado da CP que atenda as suas reivindicações. Tentaram falar com o chefe da estação local, mas viram os seus intentos frustrados. Dali não arredam pé e esperam a todo o momento a chegada dos polícias de choque. Garantem que estão por bem e querem chegar a tempo e horas aos seus empregos. <<Viajo nesta linha há seis anos e nunca me sentei quando vou para Lisboa>>, disse Conceição Guerra ao DL.

Ana Cristina da Silva, também utente da CP há muitos anos, apançou-nos que <<os patrões já nem

querem os serviços de pessoas que viajam na linha de Sintra, porque chegamos sempre atrasados>>.

As mulheres estão na primeira linha desta luta e afirmam que só desbloquearão a linha com a garantia de mais comboios e melhores condições por parte da CP. As suas queixas são comuns: dizem que nunca têm lugares sentados, que chegam sempre atrasados ao trabalho, que as discussões dentro dos comboios são constantes, as composições cada vez menos e que o pessoal da CP não dá informações.

Saturados com o agravamento das dificuldades, bloquearam a linha por instinto. <<Somos nós, mulheres, que temos de andar para a frente, porque os homens parece que não valem nada. Não temos medo de ninguém porque a razão está do nosso lado>>, sublinhou ainda Conceição Guerra, rodeada de mais cinco outras mulheres, que aplaudiam as suas palavras.

Lamentam os utentes da CP, que entram no Cacém ou em Queluz, que só aos domingos viajem em condições nos comboios da linha de Sintra. <<Afinal, pagamos mais de quatro contos [51 euros] por mês de passe e viajamos aos encontrões, entalados, sujeitos a sermos roubados e por vezes até somos insultados>>, frisou Conceição Guerra, que parecia ser a líder desta contestação, sublinhando bem alto que nesta luta não há comissões nem organizações.

25 de Janeiro de 1990
Diário de Lisboa

DEIXAR A DROGA

Para quem nunca se drogou é difícil imaginar que a heroína proporciona a experiência íntima do amor. Ir buscar o equivalente do afecto parental e do afecto ligado à vida sexual a drogas é mais seguro para os drogados, e mais fácil, do que ir buscá-lo a seres humanos. Os seres humanos, normalmente, só estão disponíveis para trocas mais equilibradas, e não para as carências gigantescas e extemporâneas dos toxicodependentes. Esta falta de ambiente afectivo caloroso e rico em experiências na infância é uma das hipóteses etiológicas para a compreensão da toxicomania. [...]

Quando o jovem não tem suficiente aporte deste afecto vai muitas vezes procurá-lo à heroína, a droga que proporciona uma sensação artificial e profundamente boa de a pessoa se sentir envolvida por amor. [...] No entanto, não é proporcionando amor aos toxicómanos, mesmo em quantidades industriais, que os curamos. É fazendo reviver os pontos traumáticos das suas vidas e ajudando-os a corrigir as sequências erradas do seu programa vivencial (atitudes). O reenchiemento dos seus reservatórios de afecto conseguem-no eles depois, e normalmente sozinhos, recorrendo de novo e quando podem ao afecto dos pais, que aproveitam agora melhor, a companheiros de ligações sexuais e a amizades [...].

Quando falamos em toxicodependências não estamos a falar em drogas como o café e o tabaco, que dão actividade física e psíquica, não interferem com a vivência dos seres humanos em sociedade e são usados por pessoas com personalidades adequadas e dentro dos

limites do normal. Não estamos a falar também do uso social do álcool. [...]

Vamos falar sobretudo dos toxicómanos que começaram a aparecer a partir dos anos 60, e de drogas, de modo geral, como substâncias que alteram o estado de consciência, os modos de vida e as relações interpessoais, levando à habituação psíquica e/ou física. Neste último caso, trata-se de uma população jovem. A toxicodependência atinge predominantemente o sexo masculino. [...]

A cada desvio ou perturbação na personalidade do jovem toxicodependente, provocada por uma matriz relacional pobre ou distorcida, corresponde uma construção vicariante viciosa. [...] A terapia dos toxicodependentes só pode ter sucesso se essas excrescências das personalidades forem destruídas para que no seu lugar se construam ou reconstruam as características normais da personalidade. Destruir o vicariante para a personalidade se reconstruir de novo.

No tratamento de toxicodependentes não há lugar para uma atitude incondicional empática inicial, como certos autores defendem para com os alcoólicos. Se se pretendem curar, é preciso que abandonem tanto aquilo de que não gostam, como algumas coisas de que gostam. [...]

Sendo a toxicodependência um fenómeno de grupo, como a homossexualidade e a prostituição, ou eles entram no grande grupo social, integrado, que é o nosso, com mais ou menos críticas, ou levam os terapeutas e os sistemas de tratamento a entrar no deles. Assiste-se assim ao fenómeno frequente de algumas instituições de tratamento se tornarem centros de venda de droga. [...]

Não acredito que nenhuma acção de prevenção primária seja efectivamente redutora do consumo social de drogas, se não se fizer acompanhar de medidas que promovam um estreitamento efectivo de contactos no corpo social, um maior tempo e uma maior atenção dedicados aos seres humanos.

Domingos Neto, psiq.
Deixar a Droga - Tratamento Para
os Anos 90
1990

LISBOA É <<ESTALEIRO GIGANTE COM ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA DESENFREADA>>

Agora que o presidente Câmara de Lisboa inicia funções e herda, e com ele todos nós, as marcas bem visíveis do deplorável consulado Abecassis e do impecável cumprimento da promessa-ameaça de que a cidade não seria a mesma no fim dos seus mandatos, creio que é importante pensar aquilo que se espera de Lisboa e da vida da cidade.

Para quem como eu viveu dois anos numa outra cidade, num outro país, não é simples voltar a Lisboa. Em dois anos muitas coisas mudaram em Lisboa. Não creio, no entanto, que fossem as pessoas a mudar [...]. Não penso sequer que a alteração essencial seja nas paisagens, uma vez que há dois anos era já bem visível a destruição da cidade que os últimos tempos agravaram.

Aquilo que me parece ter-se alterado de uma forma radical é o ritmo da cidade. Lisboa [...] já há uns largos anos deixou de ser uma cidade de nostálgicos para passar a ser uma cidade rápida e agressiva.

Nestes dois anos, Lisboa deixou definitivamente de poder ser reconhecida no retrato que dela fazia Tabucchi, reportando-se ao momento em que a conheceu, como uma cidade parada no tempo, para se aproximar muito mais da descrição, bem mais prosaica, que dela fazia, recentemente, outro italiano, enviado especial do jornal *Italia Oggi*, apresentando-a como uma espécie de estaleiro gigante em construção e a braços com uma especulação imobiliária desenfreada.

[...] Na mudança de ritmo de Lisboa parecem-me, no entanto, ter-se perdido alguns valores essenciais que marcavam a vida da cidade e dos seus habitantes: a solidariedade, a amizade, o prazer do convívio. Em troca foram poucos os valores que se ganharam num processo de modernidade acelerada que veio agravar ainda mais os contrastes e desigualdades sociais na cidade e torná-la bem mais difícil de viver para uma larga faixa da sua população. [...]

Lisboa não é, hoje, uma cidade que se possa adorar [...]. Lisboa é, pelo contrário, uma cidade onde é difícil viver com prazer, mergulhada no caos do trânsito, confrontada com as dificuldades de transporte, com o estado geral de conservação das ruas, com a destruição de tantos belos sítios, com a ausência de espaços de festa e de convívio.

Eduardo Paz Ferreira
10 de Janeiro de 1990
Diário de Lisboa

Louçã vs. Le Pen

Jean-Marie Le Pen (1928-2025), dirigente do partido francês Frente Nacional, está de visita a Portugal nos primeiros dias de Maio de 1990 para uma reunião do Grupo Técnico das Direitas Europeias, que junta em Sesimbra, no Hotel do Mar, eurodeputados franceses, alemães e belgas. A deslocação é malvista por sectores políticos portugueses.

A reunião no hotel deverá centrar-se nos Acordos de Schengen, regista o *Diário de Lisboa*. «O Grupo das Direitas, cujos membros têm pautado a sua actuação pelo ataque aos imigrantes, considera que a abertura mútua de fronteiras estabelecida nos acordos abre caminho à entrada de cidadãos do Terceiro Mundo no mercado de trabalho.» Há boatos de que também virá Franz Schönhuber (1923-2005), antigo membro das SS, forças paramilitares nazis envolvidas no Holocausto.

O Presidente da República, Mário Soares, diz que Le Pen é indesejável em Portugal. A Câmara e a Assembleia Municipal de Sesimbra concordam. O PCP também. A Juventude Socialista, pela voz do seu recém-eleito líder, António José Seguro, considera



que a reunião «é uma afronta aos trabalhadores portugueses em França». A reunião acontece.

O Partido Socialista Revolucionário opõe-se a tal ajuntamento e decide-se a uma iniciativa espectacular. A RTP relata a 7 de Maio que Francisco Louçã, dirigente do PSR, se faz passar por jornalista numa conferência de imprensa, para ter oportunidade de fazer perguntas confrontacionais a Le Pen. O político francês reconhece-o e recusa-se a responder-lhe, pondo fim à conferência de imprensa. Mas Louçã não desiste e vai atrás dele.

«Não é bem-vindo a Portugal. Aqui não aceitamos ideias racistas e xenófobas», afirma Louçã num francês de lei. «É um mentiroso. É um insulto dizer que somos racistas», responde Le Pen. Nova investida: «Foi condenado pela Justiça e pela imprensa francesa». Resposta: «Afirmo pela minha honra que nunca fui condenado em processos-crime por racismo ou xenofobia». Louçã recorda-lhe a condenação em tribunal por ter declarado em 1987 que as câmaras de gás foram um «detalhe» da II Guerra Mundial. Le Pen atira que se tratou de um processo cível.



Mário Soares e Paulo Portas enfrentam-se na TSF

30 de Outubro de 1990. O presidente Mário Soares aceita o desafio da irreverente TSF e comparece num debate com o jornalista Paulo Portas, director de *O Independente* — muito longe de entrar na política activa, o que só acontecerá em 1995 — e com o trotskista Francisco Louçã, dirigente do Partido Socialista Revolucionário — muito longe de liderar o Bloco de Esquerda, que só nascerá em 1999.

É a estreia do programa *Se Eu Mandasse*, uma ideia de Vasco Pulido Valente (1941-2020) com Emídio Rangel (1947-2014) a moderar.

A discussão radiofónica é gravada no Instituto Franco-Português, em Lisboa, e vai para o ar em 3 de Novembro. A conversa aquece quando se fala da descolonização, que Soares negociou de Maio de 1974 em diante como ministro dos Negócios Estrangeiros. Ferida ainda aberta em inícios de 90

Paulo Portas: O senhor presidente deu, segundo a imprensa, mil contos [14 mil euros] para a campanha contra a fome em Angola. Devo dizer-lhe que me fez impressão, porque eu creio — e a imagem histórica poder-me-á chamar muito novo, e eu concedo...

Mário Soares: É uma vantagem.

Portas: É uma vantagem também às vezes... Mas eu não creio que o senhor Presidente se tenha preocupado em 1974 nem com a sorte dos portugueses que lá estavam em África, nem com os bens dos portugueses que lá estavam em África, nem sequer com a situação dos negros. Portanto, quando o vi dar mil contos para a fome em África, perguntei-me se não lhe pesa nada na consciência.

Soares: Não, não me pesa nada na consciência, antes pelo contrário. Agradeço-lhe ter posto esse problema com a brutalidade, desculpe o termo, com que o fez. Porque de facto foi brutal e foi directo, mas eu também sou e portanto aprecio essa maneira. Mas não me pesa nada na consciência. Vou-lhe dizer porquê. A grande responsabilidade de tudo o que se passou nas colónias portuguesas vem do Estado Novo, que fez uma guerra ao arripio da História, ao arripio de tudo o que era a modernidade e de toda a evolução do mundo. Fez uma guerra contra movimentos de independência e radicalizou esses movimentos de independência.

Portas: Ainda bem que o recorda, mas então pergunto-lhe uma coisa...

Soares: Desculpe, desculpe! Deixe-me...

Portas: O senhor presidente queria outra descolonização?

Soares: Eu queria outra descolonização!

Portas: Mas então porque é que aceitou fazer a que fez?

Soares: Não. Perdão! Eu fiz só uma parte da descolonização, eu fiz só uma parte da descolonização. O que eu fiz foi dar o impulso necessário e indispensável, logo assim cheguei a Portugal... Porque cheguei a Portugal no dia 28 de Fevereiro...

Portas: De Abril.

Soares: De Abril. E no dia 1 de Maio já estava a negociar com todo o mundo para o reconhecimento da independência e a encontrar-me com o Agostinho Neto em Bruxelas, por exemplo... Bem, o que eu fiz foi assegurar imediatamente e rapidamente o cessar-fogo. E isso não foi uma tarefa fácil. Foi fácil — relativamente fácil — na Guiné, foi muito mais difícil em Moçambique e foi difícilíssimo em Angola! E eu contribuí, em muito, e estão vivos alguns dos signatários dessa conferência, para que se chegasse à Conferência de Alvor e se fizesse uma descolonização de outro tipo. Mas a certa altura, e foi justamente na Conferência de Alvor que eu percebi, não tinha mão para fazer... Para aguentar mais nada em matéria de descolonização...

Portas: E porque é que não o denunciou e não se demitiu?

Soares: Então não denunciei? Porque quis salvar Portugal e foi o que eu fiz. Porque senão nós tínhamos ido para uma situação em Portugal como sucedeu agora em Angola e o senhor não estava aqui a falar comigo.

Portas: Sim, sim, ó senhor presidente...

Soares: Estava talvez na cadeia...

Portas: Não se irrite. Não se irrite, senhor presidente.

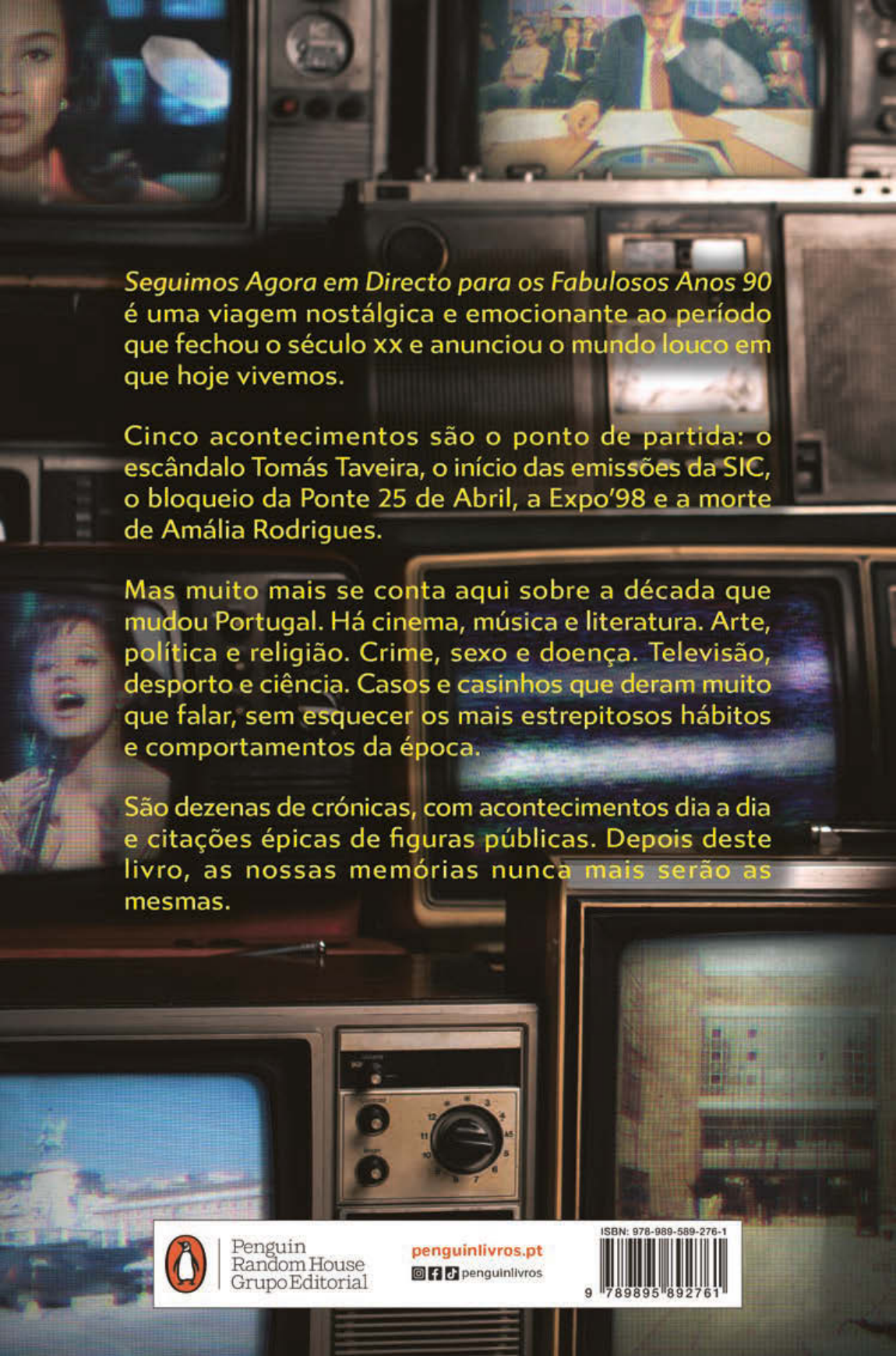
Soares: Eu não me irrito nada! Eu não me irrito nada!

Portas: Só queria que me dissesse uma coisa: não se arrepende de nada?

Soares: Eu não me arrependo de nada! Pois não!

Portas: Pronto, tudo bem.

Soares: Porque eu fiz aquilo que devia, no interesse nacional!



Seguimos Agora em Directo para os Fabulosos Anos 90 é uma viagem nostálgica e emocionante ao período que fechou o século xx e anunciou o mundo louco em que hoje vivemos.

Cinco acontecimentos são o ponto de partida: o escândalo Tomás Taveira, o início das emissões da SIC, o bloqueio da Ponte 25 de Abril, a Expo'98 e a morte de Amália Rodrigues.

Mas muito mais se conta aqui sobre a década que mudou Portugal. Há cinema, música e literatura. Arte, política e religião. Crime, sexo e doença. Televisão, desporto e ciência. Casos e casinhos que deram muito que falar, sem esquecer os mais estrepitosos hábitos e comportamentos da época.

São dezenas de crónicas, com acontecimentos dia a dia e citações épicas de figuras públicas. Depois deste livro, as nossas memórias nunca mais serão as mesmas.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

   [penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-589-276-1



9 789895 892761